



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V - ALCIDES CARNEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA**

RACHEL DA SILVA ARAÚJO

**TEM LUGAR PARA NÓS: UM RETRATO DAS COVAS ROTATIVAS
NOS CEMITÉRIOS DE JOÃO PESSOA NA BUSCA PELA INFORMAÇÃO
DO OUTRO LADO DO ARQUIVO.**

**JOÃO PESSOA
2018**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS ALCIDES CARNEIRO
CENTRO CCBSA**

RACHEL DA SILVA ARAÚJO

**TEM LUGAR PARA NÓS: UM RETRATO DAS COVAS ROTATIVAS
NOS CEMITÉRIOS DE JOÃO PESSOA NA BUSCA PELA INFORMAÇÃO
DO OUTRO LADO DO ARQUIVO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Arquivologia do Centro CCBSA da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva.

**JOÃO PESSOA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663t Araújo, Rachel da Silva.

Tem lugar para nós [manuscrito] : Um retrato das covas rotativas nos cemitérios de João Pessoa na busca pela informação do outro lado do arquivo / Rachel da Silva Araújo. - 2018.

47 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva ,
Coordenação do Curso de Arquivologia - CCBSA."

1. Livro de sepultamento. 2. Arquivos cemiteriais. 3.
Memória social. I. Título

21. ed. CDD 027.4

RACHEL DA SILVA ARAÚJO

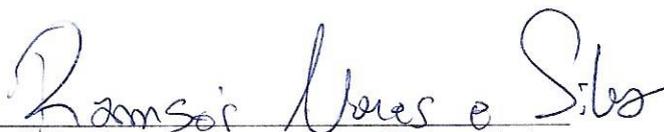
TEM LUGAR PARA NÓS: UM RETRATO DAS COVAS ROTATIVAS
NOS CEMITÉRIOS DE JOÃO PESSOA NA BUSCA PELA INFORMAÇÃO
DO OUTRO LADO DO ARQUIVO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Bacharelado em Arquivologia do
Centro CCBSA da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Bacharel.

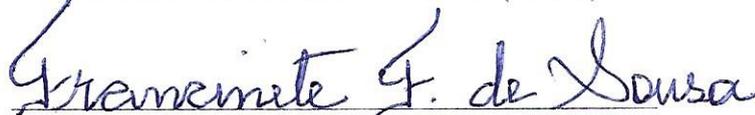
Área de concentração: Arquivologia

Aprovado em: 03/12/2018 .

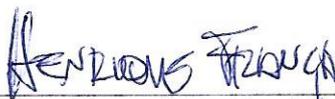
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Francinete Fernandes de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me Henrique Elias Cabral França
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso ao gato John Campos Fofa Nerd.
Agradeço aos seus rodopios e pêlos no meu teclado
e sua insistente companhia nas noites vencidas por ambos.
Entre nossos olhares e códigos, o emaranhado de dias vividos na certeza da amizade e a
leveza da vida ao lado da poesia.

“E se me achar esquisita, respeite também.

Até eu fui obrigada a me respeitar”.

(Clarice Lispector)

AGRADECIMENTOS

Depois de quatro anos, recolho na memória fragmentos das vivências, descobertas e aprendizados neste caminho pelo campus. Uma rota com diferentes paisagens. Uma estrada de ventos sinuosos e curvos e na aterrissagem muitos atalhos e contratempos. E na medida do tempo, em alguns momentos um imenso voo, noutros uma simples jornada. Ou deverei dizer, um voo feito pelo prazer de estudar o que sempre tive no olhar, e não em função do graduar.

Acredito que graduar-se é uma escolha e depois uma passagem. Estou nesta linha imaginária que por fim, acabei de chegar. Nesta rota dos ventos, deparei-me com presenças, injustiças, solidão, descobertas em terras além-mar e alguns afetos verdadeiros e cúmplices. Um percurso de esvaziamento de perguntas num bordado de folhas impressas, na liberdade de escolha de uma profissão que deseja o melhor para a coletividade e humanidade. Numa cidade de egos e cegos, faço barulho da alma no caminho das pedras. Esvazio-me de perguntas e subo nos sonhos profundos da memória social cemiterial e arquivística.

Assim, vejo-me neste instante de liquidez, repleta de sonhos e com roteiros para sobrevoos na vastidão do cinza, no conceito da palavra. Contra mim, só eu. A meu favor, eu. Vou.Vamos.

Então vamos lá; o que vale são as pessoas, os relacionamentos criados, a lista de amigos aumentada, a graduação é consequência deste processo, regado com estímulo e dedicação, contando sempre com a ajuda de alguns professores, família e amigos mais chegados, além de uma maravilhoso gato chamado John Nerd.

Agradeço, em primeiro lugar, aos interlocutores da pesquisa, coveiros, zeladores, auxiliares administrativos e administradores dos cemitérios que corroboraram com disponibilidade e atenção para a coleta de dados. Em tempos politicamente difíceis como os atuais, faz-se a necessidade do cuidado em proteger esses profissionais de quaisquer repreensões e problemas administrativos.

Agradeço ao Prof. Dr. Ramsés Nunes que, além de orientador, é fonte de inspiração e exemplo em cidadania e um excelente educador. Sou imensamente grata pela confiança, pelos contributos nas literaturas, opiniões e reflexões, e em ter lapidado os pedacinhos da minha escrita.

Sou grata a Profa. Dra. Francinete Fernandes, pelo seu lugar basilar em minha formação em Arquivologia e ter me inserido neste campo de pesquisa cemiterial, pelo seu entusiasmo, sendo uma verdadeira inspiração para quem deseja uma trajetória acadêmica e intelectual. Seus ensinamentos, leituras e comentários regados a chá, foram primordiais para este

trabalho. Sua presença e seu aceite em minha banca de graduação, são felicidades e presentes que tornam as palavras miúdas e claras.

Agradeço ao Prof. Henrique França seus conselhos e orientações, bem como à possibilidade de aprendizado quando fui monitora na disciplina Sociedade e Informação e pela participação em atividades políticas estudantis. Além do mais, todo apoio e torcida quando precisei em Portugal para meu estágio. Sua doçura nas palavras e na maneira leve de conduzir suas aulas, torna o conhecimento infinitamente agradável. Gratidão por aceitar participar da minha banca de graduação, frente às suas demandas na coordenação do curso.

A Profa. Dra. Andrea Xavier, meu agradecimento mais que sincero pelas suas palavras de incentivo para o caminhar na investigação. Com você aprendi a me conhecer um pouco mais, e a construir nas trocas acadêmicas, através de pensamentos horizontais, que a vida pode e deve ser bem vivida e divertida.

Minha grande gratidão ao Prof. Dr. Esdras Matheus, um encontro da vida. Um amigo eterno. Um confidente. O agradecimento sublinha o óbvio: a partilha de olhares e as certezas nos enredos da vida, regados por sorrisos, lágrimas e incentivos acompanhados ao um bom vinho e orientações.

Dos agradecimentos das inspirações intelectuais, eu não poderia deixar de mostrar minha gratidão aos amigos; Profa. Meriane Vieira por sua torcida e pelo acreditar, Profa. Mel Teixeira pela doçura das palavras no olhar, Profa. Rosires Andrade que inspira confiança e serenidade, a Sara Lacerda, Heidi Germoglio, Kaeliny Costa, Ana Maria e Antognionne Monteiro que em alguns momentos da minha vida, apareceram e disseram o quanto era importante recomeçar. Não tenho dúvida de que um presente como este só é recebido dos grandes amigos.

Em terras além-mar: meu agradecimento à Carlos Carrilho pela sua doce presença (“*tem dias*”), pelos telefonemas, leituras partilhadas e socorros que suavizaram a escrita do meu trabalho e me forneceram calmarias nas ansiedades com muita ternura no infinito azul do seu olhar.

A Lourdes Pitorro e Pedro Teixeira da Mota por suas amizades, que independentemente da distância, o atlântico fez-se pequeno na nau da querença e delicadeza. Quando muito precisei em terras portuguesas, num piscar de olhos, vocês foram fundamentais no enfrentar das incertezas e dos medos latentes longe do Brasil e da família, permitindo que o céu de inverno mudasse a coloração pelo calor do afeto.

Ao meu estágio no Instituto Superior Técnico em Lisboa, Portugal. Agradeço ao Dr. Nuno Neto Monteiro, Prof. Dr. Carlos Fernandes e Prof. Dr. Manuel Francisco pela oportunidade em estágios no Arquivo IST, Museu Faraday e Museu Geociências. Uma experiência fundamental e marcante em minha formação acadêmica. Tais práticas serviram de farol às reflexões aqui

apresentadas. Dias inesquecíveis entre as maiores Universidades da Europa. Sem dúvida, muito orgulho pela oportunidade.

Aos amigos que partilharam este percurso comigo fora dos muros acadêmicos; José Victor Pontes, Lis Vieira, Irma Carvalho, Katia Silva, Jessica Marçal, Valquiria Santana, Josilene Sales, Camila Alves, Max Monteiro, Cinthya Brandão, Paulo Evangelista, Larissa Teixeira pelas histórias por vezes contadas, ora presencialmente, ora por ligações telefônicas, que suavizaram a estrada difícil de concluir, em noites mal dormidas e cafés longos para o acordar.

Meu eterno agradecimento a D. Maria Peregrino e D. Zefa (filha de escrava); ambas ensinaram-me o gosto da memória.

Para Laura Campos, a moça mais linda do universo não há palavras, apenas o silêncio de um imenso bem-querer, de um suspiro de amor, maior que o mundo. Seus olhos grandes castanhos claros e lindos, seu abraço tímido e intenso em amor, sua inteligência e calma, fazem dos meus dias serem únicos e como uma linda poesia, embalada por boas músicas. Você mudou a minha vida com cheiros, sorrisos, rotinas e iluminações.

A Renata Araújo, minha irmã, agradeço pela paciência, por me escutar e me dar broncas, por ser a “Dinda” dos maiores amores da minha vida, e sempre fazer presente nas horas que mais necessito. Gratidão por tudo!

A Ricardo Araújo, gratidão ao universo por ter você como meu irmão; queria ser possível explicar o inexplicável ou transmutar em poesia a profundidade de um encontro de almas. És um porto seguro, sejam em momentos difíceis e nos risos largos dos encontros em sua casa.

Ao meu irmão Berg, os caminhos da espiritualidade numa trama para reflexões contidas em silêncios, desencontros e recordações. Quando ousamos o equilíbrio em nós, fostes para o mar. Ainda nos reencontraremos Montanha de Rosas.

Minha irmã Keza, meu agradecimento profundo por todo amor que me destes quando mais precisei. Por tuas orações e evocações de fé para um caminho luminoso.

Agradeço em especial a minha cunhada Giselma Franco, pela amizade sólida e cheia de incentivos sempre dizendo “falta pouco”, além de café e afetos numa linda mesa com as comidinhas mais fofas do mundo.

Agora sim, agradeço à minha mãe Miriam Araújo, por se fazer sempre presente em minha vida; és essencial. Afinal em todo esse trajeto, lembro de todos os esforços, de todas as portas batidas e ditas “não” para uma bolsa-estudo; e sua força determinada na busca pela melhor educação escolar. Lá trás, relembro meus primeiros e poucos livros e cadernos comprados com muita dificuldade financeira e encapados repletos de bolhas e muito amor. Minha imensa gratidão,

mãe. Agora mais do que nunca, sou aquele pássaro que não nasceu de um ovo. Tenho muitos mares para voar. Eu amo você!

Ao meu pai, Levy Araújo, agradeço pelas muitas viagens literárias em história e dos mais variados temas sobre as guerras mundiais e sobre todo o processo de repressão em meu país em período de ditadura militar. Por sua causa, antes de sua passagem, iniciei o gosto pela leitura, pela escrita, pelos pássaros e pelo arquivo, ainda muito jovem, num campo de pilhas de papel para serem arquivadas em seu escritório.

A Jesus pelo seu infinito amor. A Maria por sua presença. A Jorge por sua proteção.

Finalmente, a John Nerd, um gato persa muito fofo e falante que chegou em minha vida em 2016; num período de perdas, ele chegou para inundar minha vida e da Laura em alegria, pêlos, sorrisos e brincadeiras. Sou o seu ser humano de estimação.

Enfim, eu precisei de todos e de mim.

Precisei da luz na janela, embalada ao canto dos pássaros livres e do medo do silêncio.

Encontrei-me em muitos lugares, nas cadeiras vazias e invisíveis; porém repletas de coragem. Venci o gosto e enchi de ar à vida, sem bússolas e mapas. Apenas com o intenso sentimento que precisamos deste momento. Para nós. Para mim.

Quero ter a simples chance igualitária de conhecer outros conhecimentos e partilhar o aprendizado.

Nada mais. Nada menos.

Quero o olhar solto e sorrisos perdidos num caminho de subidas, ladeiras, curvas e descidas. Seguindo em frente, perto e dentro de mim.

A viagem é longa e permite pegar um bilhete que vai da diacronia a mais profunda sincronia.

(CYMBALISTA, 2001 p. 11)

TEM LUGAR PARA NÓS: UM RETRATO DAS COVAS ROTATIVAS NOS CEMITÉRIOS DE JOÃO PESSOA NA BUSCA PELA INFORMAÇÃO DO OUTRO LADO DO ARQUIVO.

Rachel da Silva Araújo¹
Ramsés Nunes e Silva²

RESUMO

Tem como objetivo a análise do ponto de vista arquivístico na documentação existente nos cemitérios da cidade de João Pessoa. Partimos da premissa de que existe um estigma negativo relacionados a estudos científicos que abordem arquivos cemiteriais. Tem lugar para nós, é um olhar que contempla a morte que permanece na memória social, neutra, abstrata, separada dos corpos nos rituais do morrer e do enterrar os mortos. No entanto, caminha num viés arquivístico através dos livros de sepultamentos em suas funções administrativas nos arquivos cemiteriais. Enquanto lugar de memória social, tais condições influenciam a sobrevivência dos documentos, seja ele por ter um análise histórica ou para atender a necessidade do seu produtor ao usuário, num cenário invisível e nem sempre questionado pelos arquivos cativos como fonte de conhecimento de identidade social neutra de informação. O estudo apresenta na cidades dos mortos, diversas perspectivas de análise para a função do arquivista sobre os crivos seletivos que determinam o descarte e a invisibilidade na memória de determinados grupos sociais para uso futuro na sociedade do esquecimento.

Palavras-Chave: Livro de Sepultamento. Arquivos Cemiteriais. Memória Social.

¹ Aluna do Curso de Graduação em Arquivologia da Universidade da Paraíba. Trabalho final apresentado para obtenção de grau de Arquivista. E-mail: rachelaraujo12@gmail.com

² Pós doutoramento em História da Educação pela Universidade do Minho (Portugal). Está vinculado aos principais grupos de investigadores em história da educação no Brasil (SBHE e Histed-BR (GT Paraíba). Também está vinculado a grupos de pesquisa estrangeiros CEIS 20 (Universidade de Coimbra) e Heumantica Paideia (Universidade de Salamanca-Espanha). Tem experiência na área de História, com ênfase em História da Educação e Arquivologia.

ABSTRACT

RESUMÉN

Tiene como objetivo el análisis desde el punto de vista archivístico en la documentación existente en los cementerios de la ciudad de João Pessoa. Partimos de la premisa de que existe un estigma negativo relacionado a estudios científicos que aborden archivos cementerios. Hay lugar para nosotros, es una mirada que contempla la muerte que permanece en la memoria social, neutra, abstracta, separada de los cuerpos en los rituales del morir y del enterrar a los muertos. Sin embargo, camina en un sesgo archivístico a través de los libros de sepultura en sus funciones administrativas. En cuanto lugar de memoria social, tales condiciones influyen la supervivencia de los documentos, ya sea por tener un análisis histórico o para atender la necesidad de su productor al usuario, en un escenario invisible y no siempre cuestionado por los archivos cautivos como fuente de conocimiento de identidad social neutra de información. El estudio presenta en las ciudades de los muertos diversas perspectivas de análisis para la función del archivista sobre los crímenes selectivos que determinan el descarte y la invisibilidad en la memoria de determinados grupos sociales para uso futuro en la sociedad del olvido.

Palabras Clave: Libro de Sepultura. Archivos Cementerios. Memoria Social.

SUMÁRIO

	PASSOS INICIAIS NA ARQUIVOLOGIA	13
1	OS ESPAÇOS DE SEPULTAMENTO COMO OBJETO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS.....	20
1.1	A MORTE COMO OBJETO DE PESQUISA (TEÓRICOS QUE DISCUTAM A MORTE COMO OBJETO: SOCIOLOGIA, HISTÓRIA E ARQUIVOLOGIA)	24
1.2	OS CEMITÉRIOS COMO <i>LOCUS</i> DE INVESTIGAÇÃO (COMO PENSAMOS O CEMITÉRIO E A MASSA DOCUMENTAL COMO POSSÍVEL ANÁLISE)	26
2.	O LUGAR DE MEMÓRIA E DA HISTÓRIA NOS CEMITÉRIOS DE JOÃO PESSOA	29
2.1	SENHOR DA BOA SENTENÇA: ESPAÇOS DE ARQUIVAMENTO, REPRESENTAÇÕES DA MORTE (SÍMBOLOS, MARCAS E PROTAGONISMOS).....	31
2.2	CRISTO REDENTOR: ESPAÇOS DE ARQUIVAMENTO, REPRESENTAÇÕES DA MORTE (SÍMBOLOS, MARCAS E PROTAGONISMOS).....	33
3	ARQUIVOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO DA MORTE	35
3.1	UM DIAGNÓSTICO POSSÍVEL DOS CEMITÉRIOS DE JOÃO PESSOA	39
4	MAIS QUE MAPAS: A ARQUIVOLOGIA E A MEMÓRIA DOS MORTOS	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	46

PASSOS INICIAIS NA ARQUIVOLOGIA

Que o meu silêncio possa abrir a janela do Mundo.

[EVO,2018]

No decorrer de muito tempo, busquei compreender as definições, causas e efeitos sobre os cemitérios; seus túmulos e suas identidades culturais no contexto morte que envolve aquele espaço. Com predisposição para enfrentar e questionar o “mundo cinza”, em suas lápides frias, porém ricas e repletas de detalhes em arte, historicidade e memória, lancei-me neste olhar quando tinha doze anos de idade enquanto estudante da 6ª série do Ensino Fundamental do Colégio 7 de Setembro situado na avenida Trincheiras, na capital de João Pessoa. Região repleta de casarões e sobrados que aludem a história da capital; por estas ruas, fugia da escola, ora em períodos de aulas vagas ou em dias de aula de Educação Moral e Cívica (ECV), que permitia o “enquadramento do meu olhar para a vida”, e fazia o possível para não participar. Sendo assim, unia o útil ao agradável, numa boa caminhada a pé ao Cemitério da Boa Sentença com alguns amigos de sala.

Enquanto alguns brincavam na superfície em pular de túmulo para túmulo e faltar-se em comer jambos, meus olhos contemplavam para a morfologia dos nomes, as datas de nascimento e falecimento daqueles mortos em seus jazigos ornados entre as murchas flores e as rosas flores dos jambeiros que permitiam ainda mais um ar nostálgico. A inquietude era tamanha que vez por outra perguntava aos zeladores quem havia construído e quem fazia as esculturas, como também as fotografias nos jazigos.

Fig. 01 Cemitério Senhor da Boa Sentença.



Fonte: Acervo pessoal/2018.

Além da busca pelos construtores, procurava identificar a cronologia das mortes nas informações dos túmulos, analisava os registros fotográficos com os costumes da época, as

evocações de fé, e ao mesmo tempo, questionava a identidade dos imensos túmulos que pertenciam aos mesmos sobrenomes repetidos das famílias tradicionais da Capital.

Fig. 02 Cemitério Senhor da Boa Sentença³



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

Na velocidade do tempo, tal hábito de observação não ficou apenas na atitude de menina, mas na inquietude da mulher, que sempre que havia alguma morte na família ou amigos, apreciava ver novos elementos e a permanência dos “já conhecidos” dados observados em tempos outrora. Continuavam lá para minha inquietude, contemplação e observação.

Fig. 03 Cemitério Senhor da Boa Sentença.⁴



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

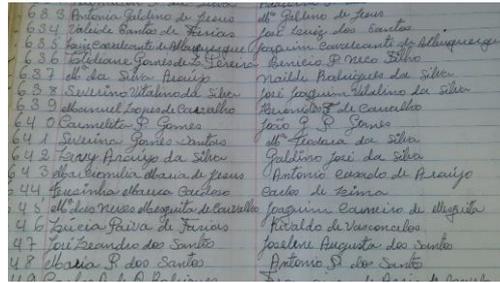
No parapeito da janela do tempo aos dezesseis anos, acontece o falecimento de meu pai, dias após, o passamento de uma grande amiga da família; há estradas que chegam a vários caminhos e o cemitério nunca foi um lugar apenas para os mortos, mas um lugar para observar. Sendo assim, no funeral da amiga Lígia Xavier, fui ao túmulo do meu pai, sepultado aproximadamente quinze dias; para surpresa, o cimento que lacra o caixão estava mole; fui à administração para saber qual o ocorrido.

³ Túmulo de família tradicional. Material: antigamente era usado o mármore de Carrara. Cada vez mais raro, passou a ser substituído pelo mármore comum, granito ou bronze.

⁴ Túmulo antigo na via principal. Cruz: representa a interseção do plano material com o transcendental em seus eixos perpendiculares.

Após uma longa espera, foi constatado que no livro de sepultamento o número do registro da quadra não estava a coincidir com a quadra que meu pai havia sido enterrado. Não houve informações precisas da administração do cemitério, e minha mãe necessitou de uma ação policial para averiguar a estranheza do fato. Com um mandato judicial de emergência, o túmulo foi aberto, pois haviam na época rumores e histórias locais de ladrões de objetos dos mortos e dos próprios mortos.

Fig. 04 Livro de Sepultamento.⁵



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

Na rasgadura do cotidiano, dia da abertura do jazigo do meu pai, novamente “fugi” da escola para acompanhar; o corpo já estava em estado avançado em decomposição e o cheiro muito forte impediram a identificação dos policiais. Na busca de aperfeiçoar o que não compreendia, fiquei a acompanhar sem a família saber o tal “endurecimento do túmulo cinza do meu pai” por um longo tempo.

Num passado recente, lá estava à trabalho em São Paulo e numa dessas idas, passei por um muro azul e branco repleto de nuvens; estava sob o céu do cemitério da Consolação de São Paulo. Um grande museu a céu aberto; ali a história brasileira é contada em seus túmulos e nas belas obras dos mais famosos e desconhecidos escultores do país.

Na somatória do tempo, cada vez mais aproximava-me da necrópole dos mortos, e novamente percebia em seus registros a morfologia nos túmulos, seus espaços de devoção popular, os registros de comunicação entre vivos e mortos nas expressões dos imaginários e na real concepção de beleza histórica e de memória do país.

[...] as construções eram dotadas de funcionalidade, de valor artístico e simbólico, pretendendo sempre cultivar a memória do morto como ser social – pertencente a uma determinada família, a uma determinada classe – como indivíduo – portador da necessidade de ser perenizado, sair do anonimato, adquirir propriedade perpetua. (BORGES, 2002, p. 282)

Num diálogo com o silêncio do vento na transformação do tempo, uma mulher atuante de administração de empresas que carrega no coração os mortos e seus espaços, escapava nas

⁵ Fragmentos do registro de morte do meu pai, Levy Araújo da Silva no Livro de Sepultamento, 1987. Cemitério Senhor da Boa Sentença.

horas vagas de trabalho para conhecer a necrópole mais antiga em funcionamento da cidade de São Paulo, o cemitério da Consolação.

De acordo com Camargo (2007) o Cemitério da Consolação foi inaugurado no dia 15 de Agosto de 1858, com a finalidade de garantir os sepultamentos dos corpos pela epidemia da cólera que abateu a cidade neste período; todavia sua história se inicia em 1829, período em que o vereador Joaquim Antonio Alvim teria defendido a construção de um cemitério público na cidade, visto que o sepultamento no interior das igrejas era combatido pelos maus cheiros dos corpos sepultados e por questões de saúde e práticas de médicos higienistas advindos da Europa.

Segundo Reis (1990), a lei Imperial de 1828 no segundo parágrafo do art. 66, determinava o estabelecimento de cemitérios fora dos templos: “A criação dos cemitérios fazia parte da batalha pelo saneamento das cidades. Os mortos, ou pelo menos os seus corpos, eram sem cerimônias associados a águas infectas, imundices e corrupção do ar”.

Fig. 05 Muros que separam os túmulos perpétuos das covas rotativas. Cemitério da Boa Sentença.



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

Na pulsação do tempo, a velocidade das coisas e das paisagens provocam as mudanças desiguais na sociedade; muros separavam os mortos que não possuíam túmulos respeitados. O horizonte cresce no abandono da sociedade que exacerba-se em preconceito na mortalidade de escravos, negros, marginais, pagãos e pobres; afinal os respeitosos estavam sobre os fios celestes dos olhares nos cemitérios das Santas Casas de Misericórdia.

A retirada dos mortos do espaço cotidiano e sagrado dos vivos, uma das grandes transformações do século XIX nas cidades brasileiras, esteve inscrita em um discurso social, político e urbanístico mais amplo, que propunha civilizar os costumes e o espaço urbano de uma forma mais abrangente. (CYMBALISTA, 2001. p.53)

Em conformidade com Nogueira (2008), no início do século XIX os sepultamentos ocorriam, em sua maioria, nos interiores das igrejas; deslocando tempos depois para

cemitérios extramuros. Tais costumes persistiram até meados deste século XIX; afinal aqueles corpos emitiam seus fedores e possíveis pestilências para o bem-estar da sociedade.

Numa visita guiada ao Cemitério da Consolação, as janelas do meu olhar dilataram-se no aprendizado daquele arquivo-museu em recortes sobre a memória do país em seus mortos, nas distinções sociais e em suas histórias. Estava diante de informações que respirava em vida, minha mente e olhos, e ficava admirada em sua gestão de informações organizadas, estruturadas e disseminadas para os usuários reais e potenciais. Além disto, uma excelente estrutura física de ruas e quadras bem sinalizadas com facilidades na classificação dos túmulos, agregados aos conjuntos documentais nos livros de registros de sepultamentos para as informações e acessos aos visitantes provenientes do Projeto Arte Tumular, que promove uma comunicação com a sociedade, potencializando os cemitérios em suas competências museológicas.

Na suavidade do olhar, a memória questionava quais causas levariam o principal e mais antigo cemitério de João Pessoa, Senhor da Boa Sentença, não contar com um projeto similar? Entre nada se dizer e tudo se entender, as estradas que chegam a todos os caminhos foram levando-me para a continuidade deste olhar nos espaços cemiteriais, através do desaparecimento das imagens, das tintas e letras nos túmulos, das fotos, da arte tumular quebrada, bem como as novas áreas de sepultamentos daqueles que não possuíam jazigos, as covas rotativas. Na profunda memória, a latente inquietação com o abandono no principal cemitério da capital, Senhor da Boa Sentença, localizado na Rua Sebastião de Oliveira Lima, 674 – Cordão Encarnado, na cidade de João Pessoa, Paraíba.

Fig. 06 Livros de Sepultamentos. Cemitério Senhor da Boa Sentença.



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

Em 2014 participei do projeto PIBIC pioneiro em Arquivologia em arquivo cemiterial; orientado pela Profa. Dra. Francinete Fernandes de Sousa. Hoje, como graduanda de Arquivologia, o olhar e a inquietação ampliam para o desafio da busca de novos conhecimentos através de seus acervos documentais, apinhados de palcos de vidas, contadas através da morte em cenas por vezes interrompidas e partidas, formando assim um caleidoscópio de inúmeros elementos políticos, sociais e ideológicos através dos documentos

e seus túmulos, que registram, elucidam, solucionam e resguardam memórias da sociedade.

São ambientes macros de memória viva e coletiva, representados não apenas pela oralidade dos que ficaram, mas pelas próprias afirmações de seus túmulos e covas rotativas nas descrições em dados a serem coletados, analisados e confrontados com as informações administrativas existentes nos livros de sepultamentos.

Num horizonte que move-se sem parar, o sentimento para reconstrução destas histórias partidas em idas e vindas e assim responder às inúmeras questões da história local, dos comportamentos da sociedade e seus costumes; levaram-me a decisão de chegar num lugar para terras além-mar, o Cemitério dos Prazeres em Lisboa, Portugal.

Fig. 07 Jazigo no Cemitério dos Prazeres, Lisboa/Portugal.



Fonte: Acervo Pessoal/2017.

Enquanto a vida acontece em terras lisboetas, o ambiente cemiterial dos Prazeres é predominado por famílias da aristocracia portuguesa. Minha memória ganha vida profunda na rasa lágrima dos olhos ao ver construções de período romântico da Europa, em 1833. Admirar os jazigos de autores anônimos e peças dos arquitetos de renome do século XIX nestas terras sob o sol do inverno desmitifica a ideia de que nestes espaços ficam os corpos, a dor e a saudade, mas exalam o cheiro das flores de plásticos e vivas na valorização do patrimônio através da gestão cemiterial.

Fig. 08, 09. Jazigos no Cemitério dos Prazeres, Lisboa/Portugal



Fonte: Acervo Pessoal/2017.

O vento abana a beleza das ruas no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, e provoca audição nos meus olhos sob jazigos na simbologia, na presença da Maçonaria, no maior mausoléu privado da Europa, o jazigo dos Duques de Palmela, construído em 1847 e na antiga sala das autópsias que está instalado o núcleo museológico com vários objetos de cultos como crucifixos, candeias e peças de cerâmica.

Fig. 10 Jazigos no Cemitério dos Prazeres, Lisboa/Portugal



Fonte: Acervo Pessoal/2017

Sobre o encanto do primeiro encontro no Cemitério dos Prazeres a sombra das ciprestes mais antigas da Península Ibérica; o dia não acabara nunca, e o meu examinar sobre os túmulos aguçava minha cabeça: *“Eu estou aqui, com todas as peças a encaixar em mim”*

Fig. 11 Cemitério dos Prazeres, Lisboa/Portugal⁶



Fonte: Acervo Pessoal/2017

Neste cenário com todas as peças a encaixar em mim, questionava à realidade brasileira em seus cemitérios, em particular na cidade de João Pessoa. No campo dos mortos nas áreas rotativas, é necessário o repensar do papel social do arquivista frente as verdades expostas ao mundo a partir das informações documentais que transpassam o outro lado do arquivo, com suas fronteiras, intervindo em ações de auxílio à informação para a reconstrução da sociedade

⁶ Cipreste, árvore da vida pela sua longevidade e verdura persistente. É a árvore funerária em toda a região mediterrânea, evocando a imortalidade e a ressurreição.

pós-moderna marginalizada pelo poder dominante aos usuários nos cemitérios de João Pessoa. Considerando que o assunto não é explorado pela Arquivologia, será adotada uma estratégia exploratória como abordagem metodológica do acesso à informação aos documentos das covas rotativas nos cemitérios Senhor da Boa Sentença e Cristo Redentor, ambos em João Pessoa, na Paraíba.

A pesquisa exploratória é considerada particularmente adequada, quando se analisam problemas complexos e quando existe pouca ou nenhuma informação prévia sobre o problema em questão. (MALHOTRA, 2001), tendo em vista o pouco conhecimento que se tem sobre a atuação dos procedimentos arquivísticos que envolvem esta comunidade.

O trabalho está dividido em quatro capítulos; no primeiro abordamos o olhar sobre os espaços sociais reservados à morte. No segundo capítulo sobre a preservação da memória dos mortos nos cemitérios de João Pessoa através dos arquivos sociais. Já no terceiro capítulo abordamos a necessidade do conhecimento arquivístico sobre os documentos cemiteriais, e por fim, no quarto capítulo, à memória institucional como fonte de diálogo entre a arquivologia e sociedade.

1 OS ESPAÇOS DE SEPULTAMENTO COMO OBJETO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

“Há espaços na cidade dos mortos que embaciam meu olhar”.
[EVO, 2018]

Neste chão de terra batida, as cruzes, os números e as quadras sinalizam a presença daqueles que não possuem um lugar para enterrar seus corpos, denominados nos cemitérios como covas rotativas. Penetrar nestes espaços reservados à morte é perceber as diferenças sociais que existem entre os mausoléus, jazigos, ossuários às terras sem sombras das covas rotativas. Uma discussão sobre o acesso à informação aos vivos na dura realidade da desigualdade no morrer na cidade dos mortos.

Fig. 12. Cova Rotativa Aberta. Cemitério Cristo Redentor.



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

Com base nas produções teóricas de Cook (2012), o arquivista deve repensar através das suas inquietações, a busca destas verdades veladas, dando voz ao usuário, acessibilidade com independência e com direito ao poder de escolha.

Descreve Kundera (1987): “a luta contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento”. Desse modo, o arquivista deve cumprir seu papel social como agente interveniente das muitas verdades reveladas ao mundo, a partir das informações documentais que transpassam as fronteiras do arquivo, intervindo com ações de auxílio a informação para estas famílias usuárias destes espaços coletivos nos cemitérios de João Pessoa, para a reconstrução da sociedade pós-moderna marginalizada pelo poder dominante.

Neste olhar inquieto, observa-se um cenário comum na maior parte dos cemitérios paraibanos; covas, areias, ossos e escassas orientações no resgate da informação pelas famílias no curto período cedido para o “aluguel daquele pequeno areal”.

Fig. 13 Quadra de Covas Rotativas. Cemitério Cristo Redentor.



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

Atualmente João Pessoa possui seis cemitérios públicos; e informações cedidas pelo SEDURB – Secretaria de Desenvolvimento Urbano, aponta que o cemitério do Cristo Redentor em João Pessoa possui maior rotatividade nos sepultamentos nas áreas das covas rotativas.

Fig. 14 Quadra de Covas Rotativas. Cemitério Cristo Redentor.



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

Possibilitar a individualização na identificação da cova ao livro de sepultamento, bem como um atendimento com agilidade e eficácia aos familiares, é um convite à reconstrução de forma poética ao exercício da cidadania e manter os critérios arquivísticos no balouço do tempo sobre os restos mortais nas pedras rasas das covas, dado ao seu curto prazo de permanência de dois anos.

Do outro lado do arquivo os golpes dos velhos sistemas públicos atravessam os documentos em várias décadas, distorcendo a necessidade de informação aos usuários num diário de ossos, de identidades partidas, memórias esquecidas que serão exumadas no campo-santo da desigualdade social. Espaço com placa indicativa quebrada sem dados do morto e sua localização para indicação no Livro de Sepultamento. São imagens não meramente equivocadas, mas textualmente evocadas sobre os sujeitos e suas ruínas rasas que apontam para o fim.

Fig. 15 Cova Rotativa. Cemitério Cristo Redentor.⁷



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

Conforme Loureiro (1990), diversos pesquisadores brasileiros apontam dados que alertam para a precariedade da população e para as desigualdades na distribuição de riscos, doenças e morte; flagrantemente das diversidades nas probabilidades de adoecer e morrer de nossa população. Assim, o arquivista necessita observar como a cultura motiva as significações dos arquivos e compreender que o arquivo não possui simplesmente uma função administrativa, mas uma dinâmica em usos simbólicos e sentidos múltiplos que partem dos mais variados contextos sócio históricos, culturais e ideológicos; neste caso as covas rotativas nos cemitérios de João Pessoa.

A Arquivologia, enquanto ciência social aplicada, possui um caráter multidisciplinar, uma vez que, para delimitar seus objetos de análise bem como sistematizar suas bases teóricas, seus métodos e procedimentos, se apoia em paradigmas e teorias advindas de outras ciências. Um dos referenciais para este estudo, Terry Cook (1998), arquivista e historiador da

⁷ Placa indicativa quebrada

Universidade do Canadá, revela como característica marcante o fato de repensar de forma radical a profissão do arquivista e seus postulados da área de conhecimento desses profissionais. O autor explica que toda sua ideia surgiu a partir de questionamentos do que se apresentava até então, como os princípios da Arquivologia.

Dentro das suas inquietações, surgem apontamentos de novos e diferenciados elementos, como a “macro-avaliação”, considerando aspectos que ainda não eram contemplados pelas visões tradicionais da área. Dessa forma, revela um pesquisador que não aceita tudo de forma estática, mas que pensa e repensa modelos tradicionais, identificando suas limitações, inclusive apresentando alternativas que julga mais adequadas à realidade da Arquivologia. O autor vê a necessidade de questionar as ideias e os processos arquivísticos, para que estes possam ser aplicados de forma coerente a arquivologia na contemporaneidade.

Cook (2012) apresenta uma nova perspectiva sobre os princípios arquivísticos tradicionais, modernizando e os tornando compatíveis com as novas realidades apresentadas nos arquivos das instituições da atualidade. Em seu processo crítico, questiona o processo de avaliação implementado por Schellenberg (2002) “valor através do uso”, pois a impossibilidade de saber o uso de um documento específico no futuro através das práticas do passado, segundo o autor é de grave deficiência conceitual em sua abordagem. Para sanar esses problemas observados no conceito de Schellenberg, em aplicação aos arquivos atuais, Terry Cook desenvolveu a macro-avaliação, baseada na proveniência, que trata os documentos de forma ampla, avaliando seu valor social desde a sua criação, até o seu uso, seja pelos seus criadores ou pelo público, que muda a perspectiva da avaliação para um outro contexto, ao contrário da avaliação clássica que trata do valor dado a longo prazo as informações dispostas nos documentos.

De acordo com Cook (2012) apresenta quatro paradigmas que são: a evidência, memória, identidade e comunidade, que correlaciona a definição das ideias com as ações que resultam do trabalho do arquivista na instituição. Desta maneira, o autor vê a necessidade de questionar as ideias e os processos arquivísticos, para que estes possam ser aplicados de forma coerente a arquivologia na contemporaneidade. Isto é, um arquivo dentro de uma lógica moderna, o tornando compatível com as novas exigências dos usuários destas instituições.

Percebe-se que o autor, para entender o contexto da Arquivologia na sociedade, precisou usar os "porquês", visando entender qual é o sentido da Arquivologia. Então, buscou a história arquivística da fase pós-moderna, e assim, encontrou algumas respostas. No que diz respeito ao princípio da proveniência, Cook (2012) defende que essa teoria se limitava em relacionar apenas a sua instituição produtora, evitando o que se passa dentro dessa instituição.

Vendo isto, ele defende que as funções, atividades e programas geram os registros, não a instituição, esta apenas participa indiretamente do processo documental.

É preciso que o arquivista se desprenda dos grilhões do trabalhar a Arquivologia pelo método empírico. É necessário que o arquivista procure inovar suas aplicações conceituais de sua área, caminhando com a evolução do homem. Assim, percebe-se que Cook (1998) é um "historiador arquivístico" que analisa a Arquivologia de uma maneira mais filosófica e inovadora, buscando sempre a reciclagem necessária para ser desenvolvida junto a sociedade burocrática.

1.1 A MORTE COMO OBJETO DE PESQUISA (TEÓRICOS QUE DISCUTAM A MORTE COMO OBJETO: SOCIOLOGIA, HISTÓRIA E ARQUIVOLOGIA.

“O que é a carne? O que é esse Isso
 Que recobre o osso
 Este novelo liso e convulso
 Esta desordem de prazer e atrito
 Este caos de dor sobre o pastoso.
 A carne. Não sei este Isso. O que é o osso?
 Este viço luzente desejoso de envoltório e terra.
 Luzidio rosto. Ossos. Carne. Dois Issos sem nome”.
 (HILST, 1992).

“A carne é o que se nomeia, a carne é aquilo de que se fala, a carne é o que se diz”.
 (FOUCAULT, 2001).

A discussão sobre os cemitérios e seus sepultamentos contou com contributos da história para a questão. Nas luzes da sociedade no século XVIII, o olhar sobre a estrela no fim da vida biológica, da morte, da retirada dos corpos dos túmulos, narra uma passagem que a sociedade passa a observar na relação dos homens com o momento inevitável e em suas atitudes diante da morte sobre o olhar da sincronia e diacronia.

A influência dos movimentos historiográficos do século XX foi de grande repercussão no Brasil – tecendo os fios dos séculos nas relações entre historiadores e as novas formas de conexões no relacionamento com o tempo histórico através das releituras.

Reis (1990), em *A morte é uma Festa*, apresenta uma análise sobre os motivos da população em Campo Santo, Salvador, que levaram a destruição de um cemitério recém-construído. A literatura entrelaça os fios da análise do fato da destruição do cemitério numa contínua conexão do mundo dos vivos aos mortos em sua presença na lembrança; a religiosidade, a morte repentina e a assertividade da passagem para as portas do éden na permanência dos sepultamentos nas igrejas.

Fig. 16. Cemitério Senhor da Boa Sentença⁸



Fonte: Acervo Pessoal/2018

Neste contexto, o autor revela as relações econômicas, sociais e religiosas que compõem a conhecida cemiterada; proibição de enterros nas igrejas ao controle cedido pelo governo provençal dos serviços fúnebres a uma empresa particular; perdas de incrementos nas reservas financeiras das igrejas além da desmitificação da morte. A morte é um grande mercado financeiro. Destarte, a igreja com robustez no controle dos processos biológicos da população; espalha-se no cotidiano da sociedade de uma maneira amena, sutil e eficaz. É uma maneira de “[...] coletivizar, mas no modo da quantificação, do racional e do identificável, de coletivizar os fenômenos, de integrar no interior de um campo coletivo os fenômenos individuais” (FOUCAULT, 1983, p.79).

Quanto aos processos de construções de cemitérios, outra grande contribuição foi de Rodrigues (2005). A autora analisa nos discursos de médicos higienistas, o uso das epidemias para os transferências dos mortos aos lugares mais afastados dos centros das cidades.

O mundo pré-moderno foi estruturado em grande medida pelos espaços dos mortos. Qualquer igreja ou catedral construída até o século 18 era também um cemitério. A cidade de Jerusalém é toda marcada pelos passos do martírio de Cristo. As catacumbas romanas são verdadeiras cidades subterrâneas. Varanasi, na Índia, é um local onde os hindus vão para morrerem. Auschwitz, na Polônia, é um local importante para a memória do Holocausto, onde estão sepultadas as cinzas e a memória de milhões de judeus, mas também ciganos e homossexuais. (CYMBALISTA, 2009)⁹

⁸ Túmulo perpétuo. Flores, folhas e frutos: representam a vitória da alma humana sobre o pecado e a morte. São associados com frequência à nobreza, à beleza e à precocidade.

⁹ CYMBALISTA, Renato. **Visitando os mortos e suas relíquias**. Arquiteturismo, São Paulo, ano 03, n. 029.03, Vitruvius, jul. 2009 Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/03.029/1538>>. Acesso em: 15 nov. 2018

Para Arquivologia a análise dos documentos em questão far-se-á a partir da necessidade de conhecimentos interdisciplinares e transdisciplinares para a reconstrução de conjuntos documentais que tenham uma lógica e se afigure como dados de uma realidade que por si só é emblemática e portadora de símbolos e marcas probatórias e/ou históricas, não estando isenta de subjetividades mesmo na objetividade dos registros dos livros de sepultamento. Isto posto, as informações devem ser vistas como um capital intrínseco de gestão estratégica, e o arquivo de cemitério, neste diálogo com a sociedade, diagnostica o passado, presente e fim do indivíduo. Quer dizer que, o arquivo cemiterial é um instrumento de validação histórica que possibilita ao arquivista averiguar dados e justificar hipóteses.

1.2 OS CEMITÉRIOS COMO *LOCUS* DE INVESTIGAÇÃO (como pensamos o cemitério e a massa documental como passível de análise)

“Que nada nos limite, que nada nos defina.
Que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja a nossa própria substância”.
(Simone Beauvoir)

Os cemitérios são espaços sociais na construção de memórias e suas narrativas entrelaçam o tempo e o espaço das sociedades. Sendo assim, como pensar tal espaço e sua documentação? No intuito de lançar um novo olhar e de igual modo discutir sobre o tema massa documental e cemitério como locus de investigação, pode-se dizer que o cemitério é mais que um espaço onde as pessoas sepultam os seus mortos. É um espaço carente de gestão documental.

Fig.17 Cemitério Senhor da Boa Sentença ¹⁰



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

¹⁰ Anjo que aponta: quando a mão indica o céu, significa que o falecido era considerado uma pessoa boa e espera-se que ela vá direto para o paraíso.

As arquiteturas tumulares passaram a ter nas primeiras décadas do século XX, novos elementos nas imagens com suas representações sociais de valores artísticos, simbólicos e religiosos; acrescentando a estes espaços a funcionalidade de uma instituição cultural, com grandes acervos de arte e cultura brasileira, além da preservação da memória social e do sentimento nostálgico para a sociedade. Tais ambientes afetuosos e nostálgicos são constituídos os espaços de memória; da qual nas lápides possuem os registros importantes e individualizados dos mortos e de suas famílias impressos em quatro paradigmas de Cook: Evidência, Memória, Identidade e Comunidade. Ou seja, cada morto dentro de um conjunto de paradigmas, e que não são compreendidos pela recusa do esquecimento, afinal de contas possuíram identidade e memória enquanto vivos.

Desse modo, a reflexão convida e aponta para o diálogo dos vivos e mortos sobre o controle documental do tempo e da individualização das relações humanas. A busca pela conexão entre tal espaço como *locus* de investigação remete aos cemitérios em suas funções híbridas entre um lugar de representação (patrimônio); de enterramento e de sua função social através dos registros de sepultamentos e suas classificações que possibilitam as conexões entre as pessoas, os lugares e o tempo; tornando visível o invisível.

Desta maneira, os arquivos cemiteriais funcionam como extensões das memórias para frear a rota do esquecimento; são dobras do tempo que o passado poderá compreender o presente, e lançar novos olhares ao futuro, através da linguagem dos mortos com os vivos do outro lado do arquivo.

Fig.18 Cemitério Senhor da Boa Sentença



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

No embarque do diálogo entre público e os acervos documentais cemiteriais, nem sempre estão guardadas em espaços (físicos) adequados, promovendo uma perfeita comunicação na macro-avaliação entre a evidência, memória, identidade e comunidade, face a ausência e necessidade de um profissional interveniente e atuante nos arquivos cemiteriais como elemento comunicador e interativo.

De modo que o usuário/visitante possa obter informações dentro de um esquema interconectado com os objetivos arquivísticos, experimentando a acessibilidade da informação e compreendendo que o cemitério possui em suas estruturas, as trilhas dos discursos e percursos para agregar resultados satisfatórios a sociedade.

Fig. 19 Arquivo Cemiterial / Cristo Redentor.



Fig. 20 Arquivo Cemiterial / Senhor da Boa Sentença



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

Neste contexto, a relação entre massa documental e cemitérios vai além de um serviço para a comunidade/sociedade do que ele foi proposto, mas de elementos culturais e turísticos que implicam na recuperação social do documento em diálogos com a educação, a economia, o turismo, as áreas sociais e artísticas; num espectro muito relevante e muitas vezes invisíveis ao olhar. O documento cemiterial poderá adquirir em um certo momento, um elemento referencial de cultura para a comunidade. Tal incremento, reforça a defesa do patrimônio e os agentes de valorização desta massa documental, como valorização e desenvolvimento do cemitério, além de atração de investigação científica e turística.

Fig. 21 Livro de Sepultamento/2009. Cemitério Senhor da Boa Sentença



Fonte: Acervo Pessoal/2018

A necrópole possui caminhos para olhares interrogativos e interpretativos nos arquivos, compondo um discurso como espelho das mortes descritas nos registros de sepultamentos e na pluralidade do conhecimento da comunidade e seu cemitério como um campo de memória, identidade e homenagem de diferentes épocas do mundo dos vivos.

2 O LUGAR DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA DOS MORTOS NOS CEMITÉRIOS DE JOÃO PESSOA.

“Tempo branco, esvazia-se a memória e ninguém se dar conta disso”.

(EVO, 2018)

Preservar a memória dos cemitérios fortalece o alicerce da vida, através dos livros de sepultamentos, registros fotográficos e outros objetos organizados que registram os fatos. Neste sentido, preservar a memória não é meramente uma busca ao passado; mas compreender os contextos de cada período em suas limitações físicas, práxis e gestão documental nos arquivos subterrâneos cemiteriais que fazem parte da memória coletiva da capital paraibana.

Fig. 22 Arquivo Cemiterial Senhor da Boa Sentença



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

Numa contextura, pesquisadores podem encontrar informações de famílias e grupos sociais passados de geração para geração, de lembranças importantes, vivências e fatos que ainda não possuem o olhar da arquivística; tais lembranças podem ser disseminadas, armazenadas e até mesmo descartadas nas catacumbas pela sociedade do esquecimento.

Durante muito tempo, a representação social dos arquivistas seria de neutralidade e imparcialidade em suas funções de documentação da entidade produtora à disponibilidade para acesso aos pesquisadores. O alerta aqui é que os arquivos cemiteriais possuam vozes, evidências e representações na construção do conhecimento histórico, da memória coletiva e da identidade de uma comunidade.

Segundo Halbwachs (2006) nenhuma memória é possível fora dos contextos usados por pessoas vivendo numa sociedade para determinar e recordar as suas lembranças. Os arquivos são palcos de construções sociais nos alicerces da informação através dos agentes públicos e da própria sociedade que os mantém. Numa pluralidade de ações, descartamos a maioria das experiências vivenciadas e só retemos aquelas que possuem significado e são funcionais para uma existência futura.

De certo modo, os arquivos são construções sociais que apresentam em seu escopo a necessidade da informação para governos e indivíduos, e não apenas a recuperação da informação armazenada, mas a necessidade do conhecimento cultural partilhado. Sendo assim, nesta composição, a decisão de registrar e preservar passa por um processo de privilégio? Enquanto lugar de memória social, tais condições influenciam a sobrevivência dos documentos, seja ele por ter um análise histórica ou para atender a necessidade do seu produtor ao usuário, num cenário invisível e nem sempre questionado pelos arquivos cativos como fonte de conhecimento de identidade social neutro de informação?

Para organizar um trabalho em instituição-arquivo-memória necessitaria de um olhar não apenas voltado ao documento isolado, mas ao conjunto que permite a sua intenção de passado e presente. Construir a identidade deste corpo cemiterial é bem mais que guardião da memória; mas compreender o contexto político e cultural destes sujeitos sociais das covas rotativas e seus familiares nos vários tons de cinza para serem reconstruídos do outro lado do arquivo em seus tons.

[...] os princípios arquivísticos não foram estabelecidos para sempre, e sim, como a visão da própria história, ou da literatura e da filosofia, refletem o espírito de seu tempo, sendo reinterpretados pelas sucessivas gerações. A ciência arquivística, ou a teoria tradicional da arquivística, não são, apesar do que alguns arquivistas de documentos ainda gostam de afirmar, nem verdade universal, nem realidade fundamental aplicável a todas as circunstâncias e meios arquivísticos em qualquer tempo e lugar. (COOK, 1998, p. 6).

Cook (1998) discute a imparcialidade do arquivista nos processos de avaliação, organização e descrição dos arquivos; a abordagem arquivística tradicional é incapaz de lidar com essa nova realidade, visto que foi formulada em um momento histórico em que não existia tal realidade.

Várias reflexões nas últimas décadas apresentam o arquivo como uma instituição que exerce poder administrativo, fiscal, com liberdade da informação e do direito ao conhecimento da informação aos usuários, além da construção histórica da memória coletiva e da identidade da comunidade, grupos e sociedade.

À vista disso, o arquivista na unidade de informação cemiterial deve possuir a informação como composição a memória e a identidade pelo viés dos registros, antes do tratamento da avaliação, da descrição e da preservação para uso de fonte permanente e histórica.

2.1 SENHOR DA BOA SENTENÇA: ESPAÇOS DE ARQUIVAMENTO, REPRESENTAÇÕES DA MORTE (símbolos, marcas, protagonismos).

“No horizonte dos versos, o excesso das paisagens que tecem
o instante do tempo na farta presença da minha mudez.
Pálida, sombria, tênue. Quem sabe assim, te encante”.
(EVO, 2018)

Discutir sobre cemitérios é considerar a historicidade específica do cemitério e seus processos administrativos. O lugar de descanso dos mortos transformou-se consideravelmente no decorrer dos tempos e os cemitérios assumiram um papel importante nas paisagens urbanas. Entre uma separação saudável e necessária, muros, portões e horário definidos de abertura e fechamento, foram designados para serem mais afastados na coabitação entre mortos e vivos. Ao contrário, em alguns casos, a céu aberto em suas covas rotativas, quando há disponibilidade de lugar, os mortos encontram abrigos nos túmulos rasteiros e arenosos.

Fig. 23 Túmulo Perpétuo e Cova Rotativa. Cemitério Senhor da Boa Sentença



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

O Cemitério Senhor da Boa Sentença teve sua construção em 1853; possui numa área de 56 mil metros quadrados na região do Varadouro em João Pessoa. Possui mais de 12.568 jazigos perpétuos) e 370 covas rotativas (que estão divididas em bloco A e Bloco C); dentre os túmulos de ex-governadores da Paraíba como Antenor Navarro, Rui Carneiro, João Agripino, Antônio Mariz e Tarcísio Burity. Como também o de Padre Zé Coutinho, além da menina Maria de Lourdes. Em meados do século XIX teve como administrador a Santa Casa da Misericórdia.

Fig. 24. Cemitério Senhor da Boa Sentença¹¹



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

Com o aumento dos sepultamentos, houve o crescimento na parte de trás e posteriormente na década de 80 em homenagem ao túmulo do Padre Zé para o anexo Padre Zé na lateral sul.

Tempos e mais tempos, o aumento populacional, e não há mais espaços para hospedar os mortos; alguns assegurados por possuírem uma sepultura, com suas edificações e tradições familiares e de poder, garantindo-lhes um sepultamento digno (LOUREIRO, 1976). Mas e nas áreas sepulcrais das covas rotativas no Cemitério da Boa Sentença? Como guardam os esqueletos estruturais informacionais e como é a distribuição do poder e privilégios da gestão do espaço urbano e da acessibilidade da informação?

Fig. 25. Parte de Trás – Área das Covas Rotativas e Ossuários, Cemitério Senhor da Boa Sentença



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

Entre covas e túmulos, o mundo naquele lugar não gira rápido; o vento desliza nas pétalas de plásticos à sombra das tintas anis das covas rasteiras em suas pequenas edificações. São espaços que os documentos esperam por um olhar de validade com interesses duradouros; luz de velas em seus pensamentos e pessoas mais próximas sem ponteiros nos pulsos, afinal o tempo ali não perdeu as horas, apenas os calendários apresentam agora vida e morte nos

¹¹ Túmulo de grande visitação em devoção e romaria, a menina Maria de Lourdes que morreu aos 13 anos, na década de 1960, espancada pelos patrões da casa onde trabalhava.

ponteiros além do tempo. Somos feito de tempo. Estamos no tempo determinado das covas rotativas.

Fig. 26 Cemitério Senhor da Boa Sentença¹²



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

Na última morada daqueles que chegaram ao fim do ciclo da vida, os cemitérios guardam muito mais do que restos mortais. Em cada sepultura ou cova rotativa há a história de alguém que cumpriu sua jornada e deixou um legado para as futuras gerações. Mas nos cemitérios públicos de João Pessoa, os registros dos corpos sepultados, sofrem problemas de preservação e porque não dizer, decomposição. Há necessidade de investigação de como vem sendo arquivada a documentação dos cemitérios existentes em João Pessoa e quais elementos que atestam falhas no que se refere à conservação do registro dos mortos das áreas das covas rotativas.

2.2 CRISTO REDENTOR: ESPAÇOS DE ARQUIVAMENTO, REPRESENTAÇÕES DA MORTE (símbolos, marcas, protagonismos).

“Enquanto penso e não penso, a vida e morte ocorrem.

E numa vastidão de cinzas líquidas, sobrevoa as vigas dos ossos
no atlas das palavras”.

(EVO, 2018)

No caminho da escrita e investigação, é preciso estudar cada grupo, investigar suas múltiplas formas de inserção social, suas dificuldades, seus desejos, suas realizações, emprestando voz, nome e rosto aos personagens até agora invisíveis e mortos entre o arquivo e covas; que foram em vida, agentes ativos da construção da história de João Pessoa. Sem abandonar a identidade comum destes espaços, ao contrário, é preciso distinguir seus usos e usuários. É preciso estudar minuciosamente as formas administrativas criadas ao longo dos tempos por estas administrações públicas, cujas atividades caracterizam traços persistentes do

¹² Escada: intervalada em degraus finos e largos, representa a vida de altos e baixos que o morto teve.

descaso aos familiares dos mortos e suas documentações, bem como a falta de gestão de documentos e a falta de informação para os usuários que em sua totalidade desconhecem seus direitos, acessos e espaços no Cemitério Cristo Redentor, criado em 1970 e localizado na Rua dos Milagres, 1150 a 1156, no bairro do Cristo Redentor, na capital.

Os espaços destinados a esta grande faixa populacional em João Pessoa, em sua maioria, estão direcionados às covas rotativas; quando a sua temporalidade faz girar a máquina administrativa-governamental para enterrar e atender as demandas de novos mortos nos cemitérios da cidade. Diariamente nestes espaços, é enterrado volume expressivo de mortos e também suas documentações em ficheiros fragmentados e em decomposição; que não suportam mais as falhas na gestão pública com fragilidade do sistema burocrático e administrativo e as situações sociais emergidas da sociedade caótica pela falta de segurança, gerando consequências de grandes proporções restringindo a lei nº 12.527 de acesso à informação.

Fig. 25 Cemitério Cristo Redentor¹³



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

O cenário é delicado no tocante a preservação documental; fotografias revelam as atividades diárias, os atores sociais e seus contextos numa trama visual da sociedade. O uso da imagem acrescenta dimensões à interpretação, permitindo o aprofundamento e a compreensão do universo dos arquivos cemiteriais, relacionados à morte, aos seus grupos sociais e o *status quo* destas identidades. Há necessidade de leituras e distinguir de maneira crítica as diferentes imagens como fonte de pesquisa no ensino das ciências sociais aplicadas, em Arquivologia. Trata-se em analisar estes livros de sepultamentos, suas produções e signos numa iconografia repleta de palavras e não de um mero texto; é preciso desenredar as relações e descobrir a invisibilidade no velado.

Desvendar os olhos nas covas do Cemitério do Cristo Redentor é enxergar a balança contada nos registros nas pequenas e rasteiras lápides da cidade da morte. Não há anjos, mas pietás que choram na desolação do campo da morte quando não há espaços para enterrar seus

¹³ Documentos e Livros de Sepultamentos nos Arquivos do Cemitério Cristo Redentor

mortos nestes lugares chamados covas rotativas; não há riqueza em seus jazigos e símbolos; covas denunciam nos dados cronológicos as datas de nascimento e óbito; alertam para os resultados dos mapa da violência em nossa capital.

Figura: 26. Covas Rotativas Cemitério Cristo Redentor¹⁴



Fonte: Acervo Pessoal/2018

As inscrições tumulares revelam um cenário de rupturas, que necessitam de suas análises em uma investigação mais aprofundada nestas inserções sociais nos espaços dos mortos. Pequenas frases coletadas por acaso de acordo com a sensibilidade fotográfica. Em alguns casos, as frases estão expressas além da aparente despedida sem consolo; são frases escritas em bilhetes, em pinturas nos túmulos pobres sobre uma pequena peça de cimento.

3 ARQUIVOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO NA MORTE

Na exploração deste espaço e para entender o contexto arquivologia e sociedade, o arquivista precisa entender o usuário e sua voz; a acessibilidade com independência proporciona autonomia e o direito de escolha. Sendo assim, não se pode limitar apenas a instituição produtora, mas ir além da instituição pensando nos sujeitos sociais protagonistas de todas as ações da burocracia. Cook (2012) defende que as funções, atividades e programas geram os registros, não a instituição. Esta apenas participa indiretamente do processo documental. De modo que o arquivista necessita ter esta sensibilidade para o repasse da informação, mas com planejamento sobre a acessibilidade do usuário quanto ao arquivo; afinal de contas, a quem se destina os arquivos? Esta é a hora de quebrar paradigmas com acesso igualitário a todos; a informação dos cemitérios com modelo de sociedade de inclusão;

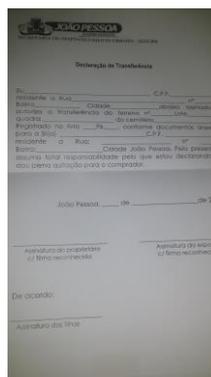
¹⁴ O fato é que me encontro aqui por inteiro, cabeça, mãos, pernas e todo o resto do corpo, mas acontece que estou invisível. É um aborrecimento absurdo, mas o fato é que estou assim. (WELLS, 1897, p.59).

é provocar nas instituições sobre a sociedade contemporânea excludente, aos “outsiders” ou “bordas sociais” que não conseguem na integralidade as informações.

É a humanização do arquivo como espaço social; a universidade tem seu espaço na sociedade capital para a construção da sociedade e na disseminação da informação. A memória social destes espaços que a sociedade não quer enxergar é um compromisso social do arquivista que organiza para memória nos cemitérios através da democracia participativa; convidando os usuários e os profissionais da informação para esta quebra de barreiras ao acesso. Este processo de acesso à informação nos cemitérios acontece através das seguintes documentações:

Controle de Sepultamento	Certidão de óbito.	Guias de pagamentos e taxas
Controle de Sepultamento e exumação autorizado pela família	Declaração de Transferência	Taxas de isenção de sepultamento;
Livro Registro de Sepultamento	Declaração de Óbito (DO)	

Fig. 27 Certidão de Óbito¹⁵ **Fig. 28** Declaração de Transferência¹⁶ **Fig. 29** Controle de Sepultamentos e Exumações



Fonte: Acervo Pessoal/2018

¹⁵ Através deste documento, vários ciclos jurídicos relacionados a esta pessoa em vida, são fechados através da formalidade legal do registro (BRASIL, 2003).

¹⁶ Declaração de Transferência fica anexada ao Guia de Sepultamento e ao Controle de Sepultamento. Dado um prazo de 72h para o cartório e a localização do túmulo.

O documento que valida o encerramento da vida do cidadão e o sepultamento nos cemitérios da Capital é a **Certidão de Óbito**. Através deste documento, o arquivista poderá obter diversos indicadores sociopolíticos, pesquisa histórica, recontar a história da morte para a vida (de trás pra frente). Além do mais vários ciclos jurídicos relacionados a esta pessoa em vida, são fechados através da formalidade legal do registro (BRASIL, 2003).

A **Certidão de Óbito** tem por finalidade a comprovação do óbito para várias finalidades. O encerramento da vida do cidadão acarreta o encerramento também de contas bancárias, registro no órgão em que trabalha. O documento também pode ser usado em processos cíveis e penais, para extinguir a punibilidade da pessoa falecida caso essa esteja no como réu, e conseqüentemente encerrar processo. Dias (2010) confirma a importância da certidão de óbitos para o ordenamento jurídico.

A Certidão de Óbito tem por finalidade a comprovação do óbito para várias finalidades. O encerramento da vida do cidadão acarreta o encerramento também de contas bancárias, registro no órgão em que trabalha, além de ser no caso de um servidor público por exemplo, um fato administrativo que gera o direito de seu cônjuge e/ou dependente passarem a fazer jus a uma pensão por morte, e receberem de seguradoras uma indenização.

A **Declaração de Óbito** – DO é o documento emitido por Institutos de Medicina Legal ou Hospitais; tem como finalidade a liberação do corpo, sepultamento na ausência da certidão de óbito e serve como ferramenta de informações sobre as estatísticas de mortalidade no Brasil.

Fig. 30 Livro de Sepultamento.¹⁷

NATURALIDADE	DATA		DIAGNÓSTICO
	FALTO	MORTO	
ão Pessoa	07/05	07/05	Aguiçanado
ão Pessoa	07/05	07/05	Aguiçanado
ão Pessoa	07/05	11/05	Aguiçanado
ão Pessoa	07/05	08/05	Sumom cerebral distúrbio de
	15/05	10/05	Sumom cerebral distúrbio de

Fig. 31 Livro de Sepultamento.¹⁸



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

Os **Livros de Registro dos Sepultamentos** registram informações sobre a idade e a causa da morte de milhares de paraibanos, além de sinalizar o local dos túmulos. Fontes para pesquisas para diversas áreas, os livros de sepultamentos da Capital estão em situação crítica de conservação, armazenamento, classificação e organização. São páginas rasgadas, fora de

¹⁷ Cemitério Cristo Redentor.

¹⁸ Cemitério Senhor da Boa Sentença

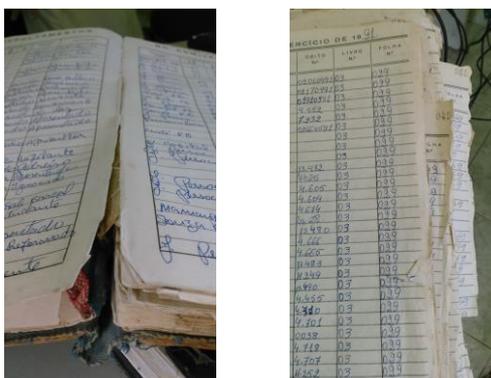
ordem cronológica, falta de higienização e entregues aos micro-organismos que deterioram os suportes a cada momento.

Além disto, o manuseio inadequado, a falta de guarda em estrutura física adequada, a ausência do profissional arquivista e a ação do tempo, aumentam as perdas da informação e do resgate histórico que a sociedade tem direito a ter.

Não somente o livro registro de sepultamento como os demais documentos, todos estão em situações crítica de restauro para um ambiente de guarda, conservação e preservação e disseminação; o arquivo de cemitério deve possuir um espaço delimitado e em condições salubres para seus atender seus usuários internos, externos e as demandas da sociedade paraibana.

A realidade encontrada nos cemitérios é que de fato os arquivos são tratados como mortos; entregue ao abandono e ao descaso público. São variadas as perdas de ordem documentais, ambientais, urbanas, artístico e histórica; patrimônio cultural da Paraíba, sem administração, sem pessoas qualificadas e treinadas para atendimento ao usuário e a próprio manuseio da massa documental. Tais espaços de sepultamentos, as sociedades desenvolveram ao longo da sua história seus sistemas fúnebres e o profissional de arquivo necessita ampliar e contemplar estas novas tendências de investigação para pesquisa acadêmica, com uma ampliação de conceitos e teorias.

Fig. 32 Livro de Sepultamento. Cemitério Cristo Redentor



Fonte: Acervo Pessoal/2018

Há necessidade de conhecimento arquivístico sobre os cemitérios, uma vez que estes ofertam uma gama de características fundamentais capazes de descrever a realidade cultural, e fatos de uma comunidade e sociedade. Os túmulos e as covas podem ser entendidos como a materialização do tempo em forma de moradia; passando a ser um espaço de identidade, de memória, da comunidade de gerações que estarão naquele espaço. Todos esses simbolismos farão da necrópole uma cidade dos vivos (RODRIGUES, 2005).

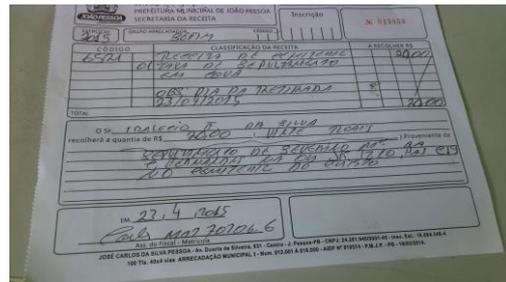
3.1 UM DIAGNÓSTICO POSSÍVEL DOS CEMITÉRIOS DE JOÃO PESSOA

“Descobrir o latente atrás do aparente, o não visível através do visível”.

(Peixoto, 1998).

Tem lugar para nós? Visitar as covas rotativas dos cemitérios delimitados no trabalho, é observar o nível sócio econômico das famílias que tem seus mortos em tais sepulturas rasas. No tocante ao acesso informacional para o findo período de concessão no uso dois anos, cedidas pela Prefeitura Municipal, agrava-se ainda mais, visto que, concluído o prazo, os restos mortais são transferidos para os ossuários (caso possam comprar), ou exumados, e também a destinação dos restos mortais para fins acadêmicos em universidades.

Fig. 33 Restos Mortais no Aguardo da Família. ¹⁹ **Fig. 34** Taxa para retirada dos ossos. ²⁰



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

Tal cenário não é nenhuma novidade para qualquer visitante aos cemitérios da capital; não há mais espaço nos cemitérios públicos para acomodar a demanda de sepultamentos; além do desrespeito com a memória e do acesso ao processo burocrático para conseguir tal ambiente.

A situação agrava-se com a quantidade de ossos pelo chão nas covas e gavetas violadas. Não é terra sem lei. É uma terra com dono, porém ao descaso para esta comunidade que na itinerância da busca pela informação, e sem dinheiro para enterrar seus mortos acabam pagando ossos na sombra de areia e no matto da intolerância. Os sepultamentos nas covas rotativas são um problema; as legislações não fiscalizam os abandonos e nem preveem algum tipo de punição aos restos mortais no período final da decomposição, quanto menos a processo que liga ao morto, a documentação.

Não há tempo nas covas rotativas; diferentemente dos túmulos perpétuos. O que existe é um colapso nas necrópoles; onde um dos funcionários do Cemitério Cristo Redentor

¹⁹ Cemitério Cristo Redentor

²⁰ Cemitério Cristo Redentor

informou a família que voltasse em outra hora, porque não havia espaço para enterrar o seu morto. Quem garante que a remoção não será compulsória? Quem garante que o registro do livro de sepultamentos, está também associado ao lacre da exumação dos ossos quando finda o período?

Fig. 35 Covas e Gavetas violadas²¹



Fig. 36 Covas Rotativa 2015²²



Fonte: Acervo Pessoal/2018

Na evidência aos fundos dos cemitérios, os campos da morte destinados as covas; em algumas quadras, mas lembram campos de guerra com barro, areia, restos de ossos, animais e os sussurros dos ventos. O que separa dos vivos, um muro; do outro lado casas, do lado da administração, o arquivo.

Não há culpados neste espaço cemiterial; percebe-se pessoas sem cursos qualificados, ocupando cargos na gestão e também a própria negligência dos familiares com a memória do morto.

Os cemitérios não são o único espelho do mau funcionamento público, mas o problema de abandono com os mortos, torna-os como esquecidos e proporciona um problema muito longínquo de acabar.

Nestas circunstâncias, revelam-se dados importantes quanto à existência da documentação, a localização do falecido no chamado “arquivo morto”. A busca pela informação e o atendimento são passos de reconstrução de uma unidade informacional. E notadamente, apresentam dificuldades visíveis na documentação gerada, recebida e arquivada, ora pela que falta recursos e pessoas para atender o usuário interno e o externo, ora pela falta mesmo de conhecimento sobre gestão das instituições públicas.

²¹ Cova Violada. Cemitério Senhor da Boa Sentença

²² Cova Rotativa de 2015, prazo excedido. Cemitério Cristo Redentor.

4 MAIS DO QUE MAPAS: A ARQUIVOLOGIA E A MEMÓRIA DOS MORTOS

Para não esquecer-me tingi meu corpo de flores e prova o esquecimento de si.

Risca com tintas o cronos do fim e esvazia o roteiro das perguntas.

Agora, sou apenas isto. Um mapa invisível submerso em areia e pedra.

Noite, Dia.

(EVO, 2018)

Entre as flores, aflora a lembrança da memória pelo risco iminente de desaparecimento da recodação da família. Num curto período de tempo, aquele lugar terá outro morador, mais pobre talvez, vítima de uma morte violenta talvez, ou daqueles que são mortos quando nascem pela invisibilidade inata de sua condição social.

Fig. 37 Visita ao Cemitério Cristo Redentor²³



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

Mais do que mapas, a arquivologia desvela os recortes sobre os enterros dos pobres, num campo desolado como um campo de guerra. Não há jazigos, mas a revelação das condições de vida e morte de uma parcela dos mortos da capital paraibana em dois cemitérios da cidade: Senhor da Boa Sentença e Cristo Redentor nas covas rasas. Contingentes de corpos com exímia validade para sua retirada no período de rotatividade.

Não há nada mais, as imagens evocadas nas fotografias, descrevem a enunciação do presente numa ruína rasa que aponta para o fim. O conhecimento, a preservação, a identidade, a memória, a comunidade são ferramentas de uso estratégico para os campos de saberes e poder institucional.

²³ Depois disso, o silêncio. A cova solitária forrada de flores pungentes. [...] Aquele silêncio terrível. As palavras finais são pronunciadas. Uma solitária rosa silvestre é atirada à guisa de adeus, explodindo lentamente, suas pétalas flutuando como flocos de neves sobre o caixão, que vai descendo a contragosto. E é a volta a terra, enfim, a volta ao pó milenar, a volta a fria argila negra, à mãe de todos nós. (ELLISON, 1990, p.115)

De acordo com Morin (2007), a memória institucional são campos substanciais para um dialogo em que “forças de desintegração múltiplas e potentes encontram-se em andamento. O que ocorre é a rota de mudança, da estupidez, das singularidades e do poder pelas estratégias de marketing na promoção das entidades mantenedoras, do que aspectos históricos e sociais. Tais práticas evidenciam a responsabilidade histórica e social dos órgãos mantedores dos arquivos cemiteriais; um legado de ocultamento e marcas que representam um caminho sem volta para os alicerces da memória institucional destes ambientes.

Fig. 38 Covas Rotativas.²⁴



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

Preservar é a palavra de ordem imediata, mantendo os cemitérios vivos através de seus documentos, fotos, objetos e livros de sepultamento como registro dos fatos. Os erros do passado não podem continuar no presente para as ações do amanhã na gestão documental cemiterial.

No mapa em questão, tanto os vivos quanto os mortos, como os jazigos e as covas rotativas fazem parte desta história institucional; numa reconstrução desde da arquivística aos sujeitos sociais, aos mortos e as comunidades.

Fig. 39 Mapa de Túmulos e Covas.²⁵



Fonte: Acervo Pessoal/2018.

Todos devem ser servidores/zeladores de um ambiente ainda visto à beira do desleixamento. Para tal, a memória destes lugares não deve estar apenas no foco da representação do passado, mas em analisar e compreender as diferenças dos limites e

²⁴ Cemitério Cristo Redentor

²⁵ Cemitério Senhor da Boa Sentença.

melhorar suas conexões com os quatro paradigmas de Cook (2012); exercitando a práxis e a reflexão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Palavras acumulam-se no porto do destino.
Por vezes, libertam os silêncios berrantes do medo
aprisionado nas interpretações do caos da cegueira humana
ao avesso da voz
(EVO, 2018)

Como ponto de partida na área da arquivologia, o estudo sobre o retrato das covas rotativas nos cemitérios do Senhor da Boa Sentença e Cristo Redentor levam a informar que existem fragmentos complexos nestes espaços sociais entre os mortos e seus arquivos, a preocupação e difusão da informação, a ausência do arquivista, a falta de gestão administrativa com a memória de uma cidade sobre variados contextos sócio históricos, culturais e ideológicos. As marcas de apagamentos e ocultações ao acesso à informação aos usuários nestes cemitérios, foram desveladas no trabalho, necessitando urgentemente da intervenção e transformação da estrutura burocrática para tornar-se uma efetiva gestão da informação.

O olhar que contempla a morte, no entanto, movimentada num viés administrativo, em que a morte permanece neutra, separada dos corpos e dos rituais de enterrar os mortos. Nesta cidade dos mortos, há diversas perspectivas históricas conflitantes; que lutam umas com as outras por sua visibilidade.

No tocante a literatura, fui me deparando com pouca quantidade que aborda a área das covas rotativas nos cemitérios, porém na universidade nos preparamos para estas adversidades de reconhecer os problemas e encontrar soluções. De modo que, este trabalho inicialmente proporciona o desejo e vontade desde muito jovem de mudar a imagem que a sociedade possui dos cemitérios. Início assim pelos fundos; os arquivísticos no desejo de retirar toda imagem negativa, equivocada, distorcida e irreal sobre o ambiente dos cemitérios. Com isso, delimito um mergulho na documentação; porta de entrada para a sociedade perceber o quanto temos neste espaço um imenso universo de informações de seu interesse manipuladas por um eficaz profissional, o arquivista.

De modo que, precisamos ter uma papel mais amplo na gestão da informação e documental; somos portadores das informações estratégicas da organização para as tomadas

de decisão. Nada diferente do ambiente cemiterial: se os ciclos permanecerem fechados para os bens culturais materiais e imateriais existente neste espaço, através da inércia da máquina administrativa pública sobre os mortos e suas documentações, qualquer informação juridicamente está findada ao ciclo fechado, através do óbito.

Nos princípios teóricos básicos da arquivística, preservamos documentos para a capacidade de servir como prova e testemunho. Ora, assim estas unidades informacionais estruturadas arquivisticamente deverão possuir e ter a capacidade de localizar os documentos, a sua procedência, estrutura, funções e as atividades produzidas que refletem diretamente nos usuários. Neste sentido, torna-se salutar pensar o arquivo cemiterial a partir de outra lógica e pensá-los em outros níveis de realidade, aprendendo a questionar nossas estruturas institucionais e sua organização decorrentes. Certamente, estas novas formas de pensar a arquivologia não pode deixar de lado concepções teóricas tradicionais, que são necessárias, no sentido de suas contribuições para as bases disciplinares da Arquivística.

Torna-se relevante, entretanto, perceber que qualquer objeto, como em nosso caso, o universo documental dos cemitérios, jamais será aprisionado no mundo cinza por uma única explicação da realidade. À vista disso o acesso no tocante à documentação a estes agentes sociais “invisíveis” que a história repete de forma expressiva e ampla, num cenário marginalizado à sociedade, nos espaços das covas rotativas; nada mais é que um apelo contínuo pela busca de informação. Tais situações sociais nos remetem a investigação mais cuidadosa sobre os diferentes papéis sociais representados na cidade de João Pessoa ao usuário dos cemitérios e que tenha a conscientização do mérito das dimensões de valor dos documentos – em sua significação: valor de testemunho, de prova material, informativo, social, cultural, turístico e científico, bem como seu caráter histórico como fontes primárias de conhecimento e pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Maria E. Arte funerária no Brasil (1890- 1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão preto. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.
- BRASIL. Planalto. Lei n.12.527, de 18 de novembro de 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/lei/112527.htm>. Acesso em: 02 nov. 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Declaração de Óbito: Documento necessário e importante. 3.ed. Brasília-DF 2003.
- CAMARGO, Luís Soares de. Cemitério da Consolação. Folheto do Arquivo Histórico Municipal. Prefeitura da Cidade de São Paulo, 2007.
- CYMBALISTA, Renato. Cidade dos Vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios paulistas. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAU/USP, 2001.
- CYMBALISTA, Renato. Visitando os mortos e suas relíquias. *Arquiteturismo*, São Paulo, ano 03, n. 029.03, Vitruvius, jul. 2009 Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/03.029/1538>>. Acesso em: 15 nov. 2018
- COOK, Terry. Arquivologia e Pós-modernismo: novas formulações para velhos conceitos – Informação Arquivística v. 1, n. 1 (2012)
- COOK, Terry. Os Arquivos Pessoais e Arquivos Institucionais: para um Entendimento Arquivístico Comum da Formação da Memória em um Mundo Pós-Moderno. Revista Estudos Históricos. São Paulo: CPDOC, 1998. v.11, n.21
- DIAS SOBRINHO, Israel. Cemitério (Blog) Disponível em: <http://arquivosdecemiterio.blogspot.com.br/2011/02/analise-diplomatica-etipologica.htm> >. Acesso em: 29 out. 2018.
- ELLISON, Ralph. Homem Invisível. Tradução de Márcia Serra. São Paulo: Marco Zero, 1990
- EVO, Passáro da Memória. (Comunidade) Disponível em: <https://www.facebook.com/evo.passarodamemoria/> Acesso em: 12 nov. 2018
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1983. __. *Microfísica do poder*. 6.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986. 117
- _____. Os anormais. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001 c.
- KUNDERA, Milan. O Livro do riso e do esquecimento, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HILST, Hilda. *A obscena senhora D.* São Paulo: Globo, 2001. (Obras reunidas de Hilda Hilst). 107 p.

_____. *Do desejo.* Campinas: Pontes, 1992. 112 p.

LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *Origem histórica dos cemitérios.* São Paulo: Secretaria de Serviços e Obras da Prefeitura Municipal de São Paulo, 1976.

LOUREIRO, S. *Brasil . Desigualdade social, doença e morte.* 1990 Em Anais do 1º Congresso Brasileiro de Epidemiologia. Campinas, Abrasco.

MALHOTRA, N. K. *Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada.* 3ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MICHEL, Maria Helena. *Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos.* 2. ed.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo.* Porto Alegre: Sulina, 2007.

NOGUEIRA, Antônio G. *Patrimônio cultural e novas políticas de memória.* In: RIOS, Kênia; FILHO, João Ernani F. *Em tempo: História, memória, educação.* Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

MICHEL, Maria Helena. *Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos.* 2. ed.

PEIXOTO, C. E. *Caleidoscópio de imagens: o uso do vídeo e sua contribuição à análise das relações sociais.* Em B. Feldman-Blanco et al., *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais.* Campinas, Papirus. 1998

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do Século XIX.* São Paulo: Cia das Letras, 1990.

RODRIGUES, Claudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX).* Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

SCHELLENBERG, T. R. *Arquivos modernos.* FGV Editora, 2002 - 386 páginas

WELLS, H. G. *O Homem Invisível,* Publicações Europa-América, Coleção Livros de Bolso / Série Ficção – Científica, 1897.